

A LEITORA DOS ANOS DOURADOS E A LEITURA DE FOTONOVELAS
A READER OF THE GOLDEN YEARS AND READING OF PHOTOGRAFIC SOAP
OPERA

Daniela Maria Nazaré da Silva Candido¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar alguns enredos de fotonovelas dos períodos de sessenta e setenta, tendo como foco as personagens principais, cujas atitudes e ações coincidem com alguns padrões estabelecidos nos períodos dos Anos Dourados. Sendo assim, são destacadas as principais características das heroínas que, de forma geral, são conquistadas pelos heróis. Dessa maneira, as protagonistas femininas são dotadas de beleza, simpatia e docilidade, dotes essenciais para que se possa fazer uma boa conquista, ou seja, elas têm o fundamental para atingir os corações dos “mocinhos”. A partir disso, entende-se que as receptoras são atraídas por estas produções e como leitoras participam da construção de seus enredos fazendo suas próprias interpretações e dando um sentido individual ao texto.

Palavras-chave: revistas; fotonovelas; leitoras; mulheres

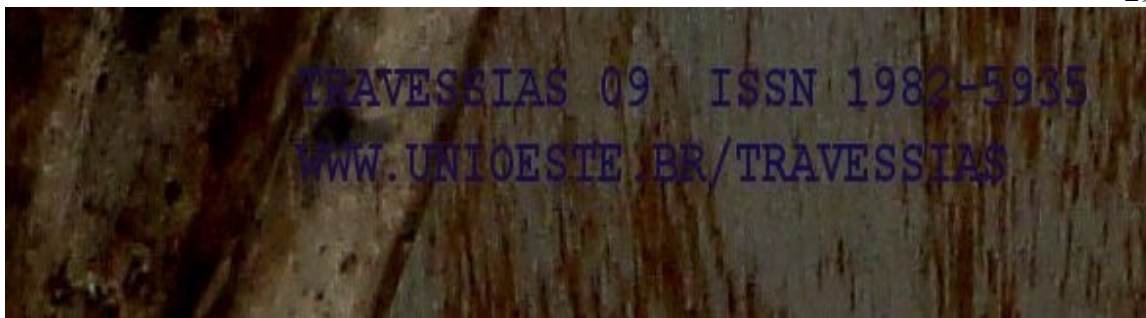
ABSTRACT: This article aims to analyze some scenarios photo story periods of sixties and seventies, focusing on the main characters whose attitudes and actions coincide with certain established standards during periods of Golden Years. So, are highlighted the main features of the heroines who, in general, are conquered by heroes. Thus, the female protagonists are endowed with beauty, charm and kindness, essential skills so you can make a good achievement, ie, they have the key to achieving the hearts of the "good guys". From this, it is understood that the recipients are drawn to these productions to readers as part of the construction of their plots by making their own interpretations and individual giving meaning to the text.

Keywords: magazines; photo story; reader; woman.

As revistas de fotonovelas começaram a fazer sucesso em meados dos anos cinquenta e o fim de sua circulação no mercado editorial se deu na metade dos anos oitenta. A princípio, as histórias não eram completas, tendo o leitor que acompanhar as edições semanais das revistas para que pudessem conhecer o desfecho e satisfazer sua curiosidade sobre qual seria o fim de seu personagem preferido.

Porém, entende-se que não foi a curiosidade que manteve o leitor interessado nesta produção, já que nos anos sessenta, as histórias passaram a ser publicadas na íntegra, tendo o receptor a liberdade de começar e terminar de ler tudo no mesmo dia e assim, conhecer o desfecho e o fim dos heróis e vilões.

¹ Daniela Maria Nazaré da Silva Candido, atualmente é bolsista capes do programa de pós-graduação em Estudos Literários pela UEL - Nível Mestrado. E-mail: dmnazare@yahoo.com.br

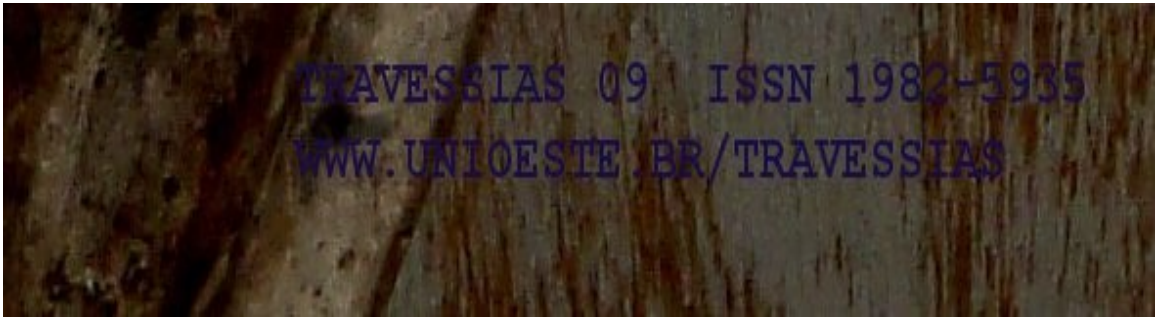


Devido às fotonovelas serem produções comerciais, alguns artifícios como: falas curtas, representadas pelos diálogos entre os personagens, montagem de fotogramas que dão a possibilidade de os leitores conhecerem não somente suas características físicas, mas também suas expressões, histórias relativamente curtas e açucaradas para atingir o público alvo, que neste caso é o feminino, seus enredos se tornam simples e de fácil entendimento, atingindo assim, um grande número de leitores e levando estas produções serem consideradas contraliteratura, pois não entram no cânone literário. Nem por isso, estas revistas deixam de ter um embasamento social, pois, a partir das histórias e situações vividas pelos personagens, percebe-se que muitos padrões sociais se encontram presentes.

Não se pode definir com exatidão o que faziam essas mulheres se sentirem atraídas por estas revistas, mas o que se pode identificar ao se analisar o objeto de estudo do presente trabalho, é que o perfil da mulher da época de sessenta e setenta, pode ser representado por meio das heroínas de fotonovelas.

Desta forma, as “mocinhas”, geralmente, têm comportamentos que coincidem com os padrões sociais de que trata Carla Bassanezi, em “Mulheres dos Anos Dourados”. Neste período, homens e mulheres tinham papéis bem definidos dentro da sociedade. Assim, a mulher quando solteira deveria ser dócil, bonita e inteligente para fazer uma boa conquista, ou seja, deveria ser dotada dessas qualidades para conquistar um rapaz que fosse responsável, trabalhador e capaz de sustentar um lar e uma família. A moça poderia demonstrar-se interessada, mas nunca deveria tomar a iniciativa, assim como não era recomendável que ela permitisse que o namoro chegasse a uma intimidade “exagerada”, já que, uma “boa” moça preservava sua virgindade até o casamento. Uma vez casada, a mulher tinha que se manter dócil, amável e acima de tudo submissa. O casamento não era mais imposto pelos pais, pois, o amor tornou-se um elemento essencial para o sucesso de um casamento.

Embora a década de sessenta seja um período marcado por mudanças que foram conquistadas por grupos de esquerdistas, estas ocorrem lentamente, pois, de um modo geral, há certa resistência às novas ideias e, devido a essas divergências, nasce uma sociedade contraditória. (COLLING, 1997). Nas fotonovelas, ocorrem também algumas contradições, pois, as heroínas, geralmente, trabalham, estudam, dirigem, porém, entende-se que a verdadeira felicidade somente é encontrada quando elas se realizam no amor. A partir disso, compreende-se que os personagens



têm muitas das características que coincidem com o comportamento imposto ao homem e à mulher no período dos Anos Dourados, estudado por Bassanezi.

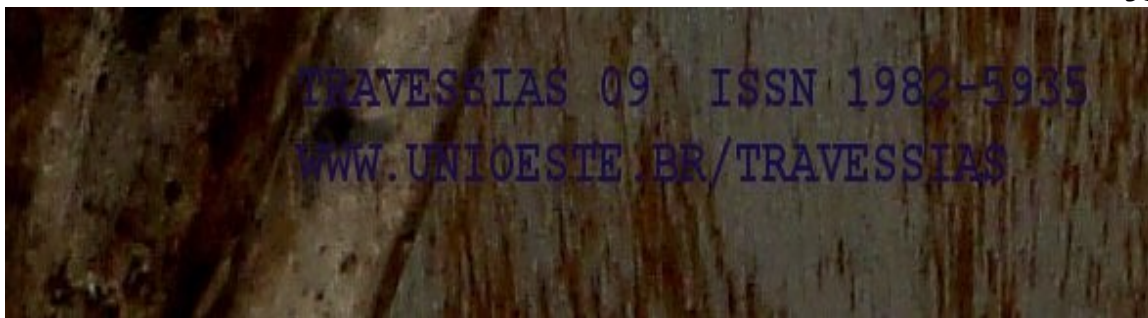
A construção de sentidos

Partindo destes pressupostos, pode-se afirmar que o leitor tem um papel fundamental na construção de sentidos nos enredos das fotonovelas, pois, ao praticar a leitura, eles ativam seus conhecimentos, interpretam e preenchem as lacunas deixadas pelo autor ou produtor destas publicações. Sendo assim, as leitoras das revistas das décadas de sessenta e de setenta que viviam neste período, conheciam e vivenciavam os padrões estabelecidos na sociedade em que estavam inseridas e utilizavam suas experiências para completar ou simplesmente dar um sentido próprio e individual às histórias que liam.

Deste modo, Michel de Certeau contradiz a afirmação de que leitores de produções comerciais são passivos porque já recebem as mensagens prontas. Para ele, publicações que atingem um público diversificado transmitem muito pouca informação, dando ao leitor uma grande possibilidade de participar da construção dos sentidos.

O estudioso compara o papel dos leitores com inquilinos que alugam um espaço e a partir daí, seus donos, perdem o controle de seus empreendimentos, ou seja, a partir do momento que o inquilino adquire o imóvel, ele dispõe os móveis de acordo com sua preferência passando a ser dono daquele território, pois, de acordo com Certeau, o mundo diferente do leitor se introduz no lugar do autor e esta mutação torna o texto habitável assim como um apartamento alugado: “Ela (a mutação) transforma a propriedade do outro em lugar tomado de empréstimo, por alguns instantes, por um passante. Os locatários efetuam uma mudança semelhante a um apartamento que mobiliam com seus gestos e recordações”. (CERTEAU, 1994, p. 49).

Este mesmo papel faz os leitores que emprestam as produções alheias por instantes e efetuam as mudanças de acordo “com seus gestos e recordações”. No caso, por exemplo, das leitoras de fotonovelas, no momento que estão com estas produções em mãos completam significados, preenchem lacunas, interpretam os sentidos da forma que desejam, sem que isto chegue ao conhecimento de seus produtores, editores e autores, pois estes, não têm controle sobre os leitores.

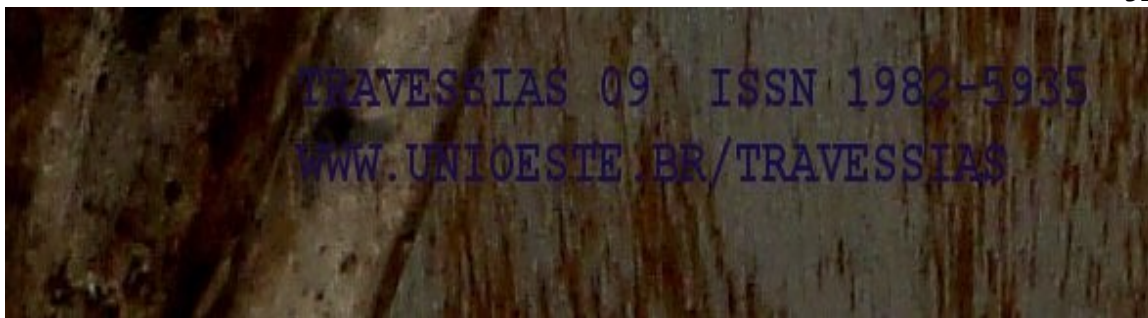


As fotonovelas, portanto, são centralizadas e somente seus produtores conseguem abarcar um grande número de indivíduos, ou seja, suas leitoras. Para que esse processo seja possível, torna-se necessário a abordagem de temas que as cativem para despertar seus interesses. Estas, por sua vez, produzem o que somente elas próprias têm conhecimento, pois de acordo com o conceito que Certeau tem de leitura, esta quando feita por uma imagem ou por um texto “*parece* constituir o ponto máximo de passividade”. Assim, o teórico afirma que:

[...] a atividade leitora apresenta ao contrário, todos os traços de uma produção silenciosa: flutuação através da página, metamorfose do texto pelo olho que viaja, improvisação e expectativa de significados induzidos de certas palavras, intersecções de espaços escritos, dança efêmera. Mas incapaz de fazer um estoque (salvo se escreve ou “registra”), o leitor não se garante contra o gasto de tempo (ele se esquece lendo e esquece o que já leu) a não ser pela compra do objeto (livro, imagem) que é apenas o *ersatz* (o resíduo ou a promessa) de instantes “perdidos” na leitura. Ele insinua as astúcias do prazer e de uma reapropriação no texto do outro: aí vai caçar, ali é transportado, ali se faz plural como os ruídos do corpo. Astúcia, metáfora, combinatória, esta produção é igualmente uma “invenção” da memória. Faz das palavras as soluções de histórias mudas [...] (CERTEAU, 1994, p. 49).

Neste sentido, Certeau afirma que o leitor parece ser passivo, porém este, no momento de sua leitura se posiciona no lugar do autor e introduz em sua leitura seus pontos de vistas, interpretando e tirando suas próprias conclusões de acordo com seu mundo que é diferente do autor, tornando a partir desta mutação o texto habitável, assim como um apartamento alugado como já foi exemplificado acima, ficando claro, desta forma, a afirmação do crítico em relação à não passividade do leitor: “A leitura introduz portanto uma arte que não é a passividade.” (CERTEAU, 1994, p. 50).

Considerando as leitoras de fotonovelas das décadas de sessenta e setenta e levando em conta suas estratégias de leitura, ou seja, sabendo que a leitura não implica passividade, entende-se que as mulheres utilizavam seus conhecimentos para completar as lacunas e interpretar os significados das fotonovelas. Assim, a partir da fotografia, por exemplo, o leitor tem a possibilidade de pressupor o estado emocional, as condições sociais, as reações dos personagens. Além disso, por meio de seus conhecimentos, as leitoras interpretam as pistas deixadas pelos próprios personagens por meio de suas falas, pensamentos, além das informações transmitidas



por pequenas intervenções do narrador que mantém um diálogo direto com o leitor, sendo, muitas vezes, seu papel de grande importância por sua onisciência e onipresença.

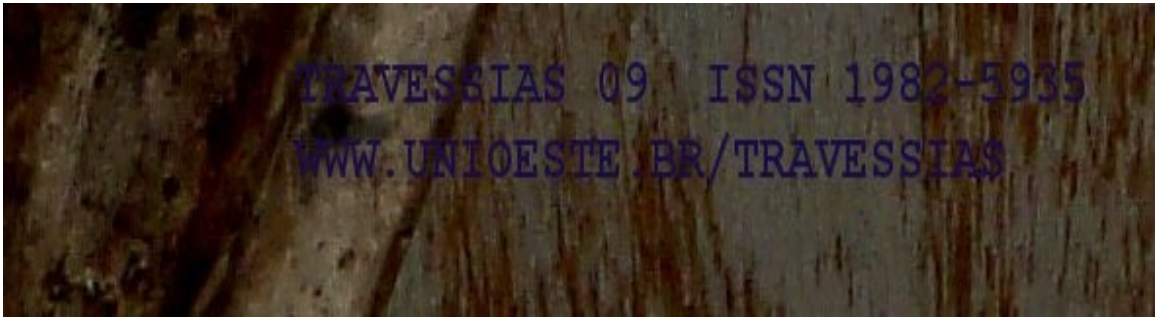
Assim, há alguns padrões nas histórias de fotonovelas, (que serão comentados logo abaixo) que dão abertura para a leitora que vive num momento em que muitas delas insistem em permanecer, ative seus conhecimentos interpretando os sentidos de acordo com suas próprias experiências, preenchendo ao seu modo as lacunas deixadas pelos autores e produtores. A partir disso, será demonstrado como o leitor vai descobrindo a presença destes padrões no decorrer dos enredos.

Amor e conquista nas fotonovelas

As fotonovelas, geralmente, centram-se em histórias baseadas no amor romântico, representando, portanto, o fim do casamento arranjado (pelos pais) e o início de uma nova etapa, momento em que homens e mulheres tinham autonomia para escolher seus parceiros. Nos chamados Anos Dourados, de acordo com Carla Bassanezi, esse comportamento passou a ser comum, pois, acreditava-se que um elemento essencial para a concretização do casamento, era o amor.

Carla Bassanezi (2002, p. 618) discorre sobre o período dos Anos Dourados comentando que embora o amor fosse um fator decisivo para a união de um casal, a mulher tinha preferência por rapazes que lhes dessem segurança financeira, ou seja, pelo menos tivessem um trabalho fixo que lhes dessem condições de sustentar uma casa. As mulheres casadas das fotonovelas, geralmente são sustentadas por seus maridos e caso ocorra o contrário, o leitor consegue compreender que o homem passa a ser julgado como preguiçoso, vagabundo, ou simplesmente seu papel no enredo é de um mau-caráter. Além disso, em alguns momentos, fica subentendido que uma “boa” moça não deveria ser a causa da destruição de um lar, ou seja, jamais poderia se envolver com um homem casado.

Um exemplo deste fato encontra-se na fotonovela *Cruel Engano*, da revista *Capricho* do ano de 1962. A personagem principal, Lia, apaixonou-se por Fred e depois começa a namorá-lo, porém, descobre por Alfredo, um moço que conhecera numa festa de casamento, que o homem por quem está apaixonada é casado e sua esposa o abandonou há dois anos, logo depois que se

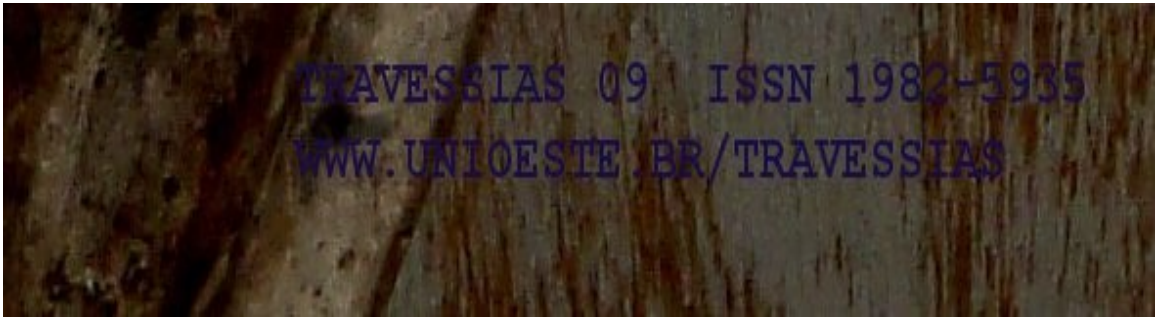


casou. Neste momento, no ideal de propaganda da fotonovela sobre o papel de como devia ser uma mulher digna perante a sociedade, que a moça, por ser a heroína, sentir-se-á na obrigação de romper o relacionamento, pois, o casamento, de acordo com uma sociedade cristã, deve ser eterno e a heroína, como é sempre a boa moça, não pode ser responsável pela destruição de um lar. Sendo assim, o leitor reconhece que mesmo Lia sabendo que a esposa de seu amado fugiu de casa, o fato de ele ser casado, torna-se um empecilho para a realização do verdadeiro amor entre os dois.

Devido a isso, Lia se decepciona e termina o namoro com Fred. Alfredo se demonstra interessado por ela, comovendo-se com a situação pela qual está passando, pois, ele lamenta o fato de nunca poder convidar uma mulher para sair porque está sempre sem dinheiro. Neste momento da história, cabe ao leitor descobrir a ideia implícita de que se acredita ser obrigação do homem ter dinheiro para pagar as contas quando sai com uma mulher, uma vez que a preocupação de Alfredo é de não poder chamar nenhuma moça para sair por não ter condições de bancar as despesas de um encontro.

Lia, como toda mocinha dos enredos de fotonovelas, tem um bom coração. Por isso, comove-se com a história de Alfredo, passa a convidá-lo para sair e após ele ter sido despejado da pensão em que morava, abriga-o em sua casa, pois, mora sozinha e tem seu próprio trabalho. Embora outros personagens já conhecessem a fama de Alfredo, a protagonista não acredita que ele seja um mau-caráter e acaba aceitando o seu pedido de casamento, pois, ele se declara a ela e se aproveita de sua bondade fazendo-se de “bonzinho” e desafortunado. Vê-se a dissimulação de Alfredo também por suas expressões que são visíveis nas fotografias. Seu olhar maldoso e astuto pode ser observado pelo leitor antes da heroína conhecer seu verdadeiro caráter, pois, o vilão sabe expressar-se triste e cabisbaixo quando se depara com a mocinha e o receptor tem a oportunidade de captar todas as reações do maldoso personagem.

No decorrer da história confirma-se o quanto Alfredo é aproveitador e não tem a intenção de trabalhar, sempre pedindo dinheiro emprestado para sua tia e, quando conhece Lia, vê uma oportunidade de se estabilizar. A partir deste enredo, pode-se concluir que os personagens que representam os heróis nas fotonovelas, geralmente, são homens trabalhadores. Fred, o protagonista desta história, tinha como sustento uma lavanderia. Já Alfredo, não se preocupava em trabalhar, sendo esta, uma característica aceitável a um homem somente quando



este é o vilão da história. Todos os outros personagens não se conformavam que uma moça tão “direita” como Lia, estivesse firmando aliança com um aproveitador como Alfredo.

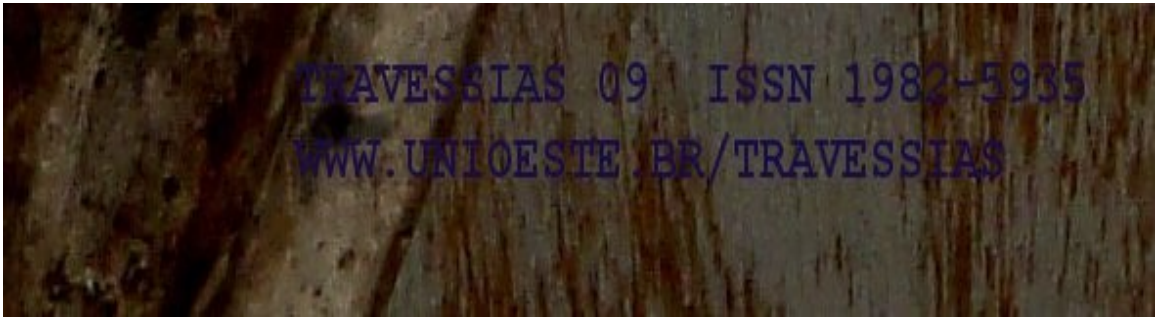
Da mesma forma, as heroínas das fotonovelas, geralmente, são conquistadas por seus pretendentes, pois como afirma Bassanezi isto é uma atitude louvável para as mulheres dos Anos Dourados, já que “a iniciativa da conquista e das declarações de amor, conforme o costume cabia ao homem” (BASSANEZI, 2002, p. 614). As moças não deveriam tomar atitudes caso estivessem interessadas em determinado rapaz, pois, isto não era de “bom tom” nesta época. Os personagens masculinos, geralmente, sentiam-se mais atraídos pela pretendente quando esta resistia a seus gracejos.

Assim, na fotonovela que está sendo analisada, Fred se interessa por Lia e começa a cortejá-la, pois, logo que a conhece, encanta-se com seu jeito de mulher “difícil”, levando-o a lutar para conquistá-la. Lia estava saindo de seu trabalho com uma colega e Fred passa de carro cumprimentando sua conhecida que, coincidentemente, é a amiga de Lia.

Fred se apaixona à primeira vista por ela e oferece para levar as duas em suas casas, mas, Lia a princípio se recusa e diz que prefere ir de metrô; só depois de muita insistência da parte de Fred, a moça acaba aceitando. Neste momento, o leitor percebe que o herói se sente mais motivado em conquistá-la devido à resistência da pretendente, pois, o personagem afirma ser a primeira vez que uma mulher recusa sua companhia e; a ânsia pelo desafio se faz presente em sua fala: “É a primeira vez que uma moça recusa minha companhia [...]” (1962, p. 51).

Os dois personagens estão situados em Nova Iorque, mas a moça é de descendência italiana e durante o trajeto para sua casa, o motorista e a passageira discutem a diferença de atitudes e de comportamentos entre as mulheres italianas e as americanas. Fred aproveita para lamentar o fato de Lia não confiar nele e seu argumento para convencê-la a não ser tão desconfiada, é o fato de já estarem no século XX. Ela, por sua vez, responde não estar acostumada com os modos americanos.

A partir disso, infere-se que a atração de Fred por Lia é o seu jeito diferente, sua forma de agir perante ele o faz sentir-se mais atraído, como se fosse esse tipo de comportamento que o agradasse e estivesse tendo dificuldades de encontrar na cidade de Nova Iorque, confirmando sua hipótese em muitas das falas referidas à sua pretendente: “Sabe? Começo a pensar que não existe



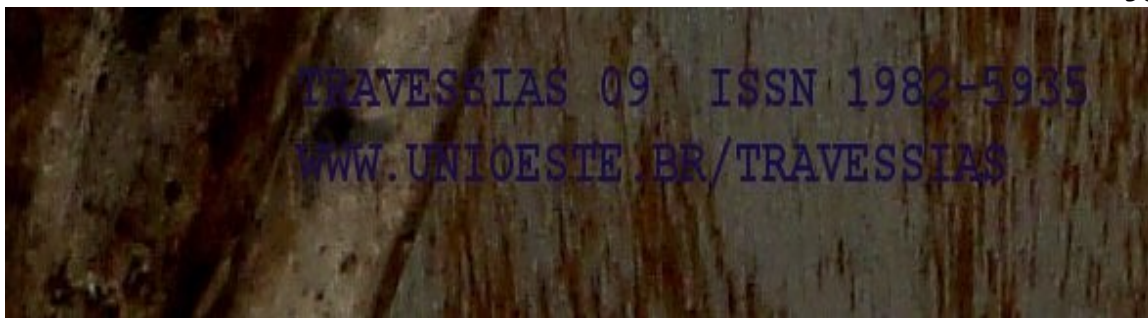
outra como você, em Nova Iorque.” (1962, p. 50). Dessa maneira, retrata-se neste enredo, a diferença entre o comportamento feminino estadunidense e o europeu.

Quando Fred chega à casa de Lia a convida para sair, porém ela se recusa e ele ousadamente lhe rouba um beijo. A moça, sem pensar duas vezes, responde com um tapa na cara do rapaz que leva em tom de brincadeira e, mesmo assim, não desiste de conquistá-la, prometendo para si mesmo voltar a vê-la, e em pensamento admite: “Tem uma cara de anjo, mas um gênio... Tornarei a vê-la nem que me custe outra bofetada.” (1962, p. 51). Neste momento, somente quem lê pode conhecer os pensamentos do personagem, sendo estes, elementos importantes para que o leitor chegue à conclusão de que, realmente, a dificuldade na conquista, deixa o herói ainda mais apaixonado.

Algo parecido acontece na fotonovela “Recomecei a viver” da Revista *Capricho* de 1974, na qual a personagem principal chamada Carla tenta ignorar quase o enredo inteiro os galanteios de Daniel, homem que se interessa por ela. A moça resiste aos seus encantos e embora não seja tão insistente como Fred, personagem da fotonovela anterior, o leitor consegue visualizar antes da própria heroína que a atitude de resistência é um dos motivos que o faz mais apaixonado. Quando ele se declara, ela se demonstra indiferente dizendo que não nutre o mesmo sentimento por ele. O herói, então, responde que só disse que a amava porque queria que ela soubesse: “Eu não disse que te amo esperando uma resposta. Só queria que soubesse disso.” (1974, p. 76).

Outro exemplo de que a mulher deveria esperar pelo cortejo masculino e não tomar a iniciativa, assim a leitora consegue enxergar de maneira explícita na fotonovela “Amo-te desesperadamente”, da Revista *Grande Hotel* de 1964. A personagem principal é apaixonada por um funcionário de seu pai que o considera como se fosse um filho. Embora Nádia não alimente este sentimento, Dario, a princípio, só consegue enxergá-la como irmã pelo fato de terem sido criados juntos e se sentir também parte da família.

Nádia está sempre querendo ficar perto do rapaz que ama, mesmo sabendo que este não se agrada com esse tipo de atitude. Percebe-se esse desgosto por meio de alguns pequenos comentários feitos pelo narrador que comenta, como se estivesse conversando com o leitor, o fato de Nádia não dar tempo para Dario: “Sempre aquela perseguição obstinada e constante! Nádia não lhe dá descanso...” (1964, p. 35)



Neste enredo o herói diz não gostar de mulheres que tomem a iniciativa, mostrando que as mulheres sabiam ou deveriam ter informações do modo como deviam se comportar em relação aos homens, pois, Dario cobra esse conhecimento da parte de Nádia, quando esta pergunta se sua presença o aborrece: “É muito jovem, Nádia, mas tem instrução. Certamente aprendeu nos livros que o homem prefere que o deixem tomar a iniciativa, não é mesmo?” (1964, p. 35). A moça, por sua vez, não desiste de se declarar, mas reconhece que sabe a possibilidade de estar errando devido a esta atitude: “Talvez seja um erro eu falar assim. Mas eu quero que você também me ame.” (1964, p. 35).

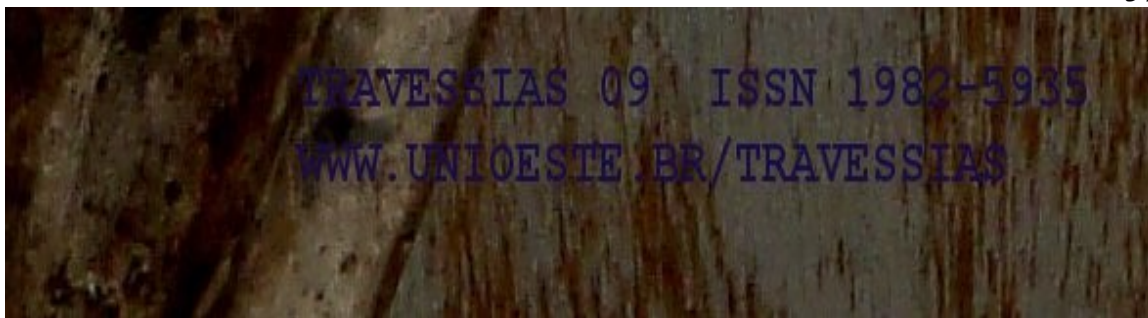
Nádia conquista Dario somente no final da história, quando este descobre que a ama, entendendo que a atitude impulsiva era resultado do grande amor que alimentava por ele, além de ser imatura, mas aprendeu a admirá-la, pois era autêntica e não sabia fingir.

As personagens “puras” de fotonovelas

A mulher, no período dos Anos Dourados, como já foi comentado, deveria tomar determinados cuidados quando estivesse interesse em algum rapaz. Assim, a moça não poderia tomar iniciativa, podendo somente demonstrar-se interessada para deixar que o rapaz a conquistasse.

Era considerada uma atitude correta, conforme a autora Carla Bassanezi, a mulher não deixar seus namorados “avançarem o sinal”, já que perder a virgindade antes do casamento era destruir a honra da moça, sendo esta apenas restituída, caso se casasse com o responsável pelo ato de desonra ou com outro homem que aceitasse suas condições, atitude não muito comum aos homens daquela época que, na maioria das vezes, não aceitavam se casar com mulheres que já haviam tido relações sexuais com outros homens.

Um fato parecido acontece na fotonovela “Cruel Engano”, da Revista *Capricho* de 1962. O personagem Alfredo que engana a heroína, a ponto de conseguir se casar com ela se fazendo de pobre desafortunado, é descoberto por suas trapaças no clímax do enredo. Este se passa quando Alfredo, o vilão e marido de Lia, é assassinado. Neste momento, a moça julga ser Fred o autor do crime por desconfiar que ele o tivesse cometido por causa de ciúmes.

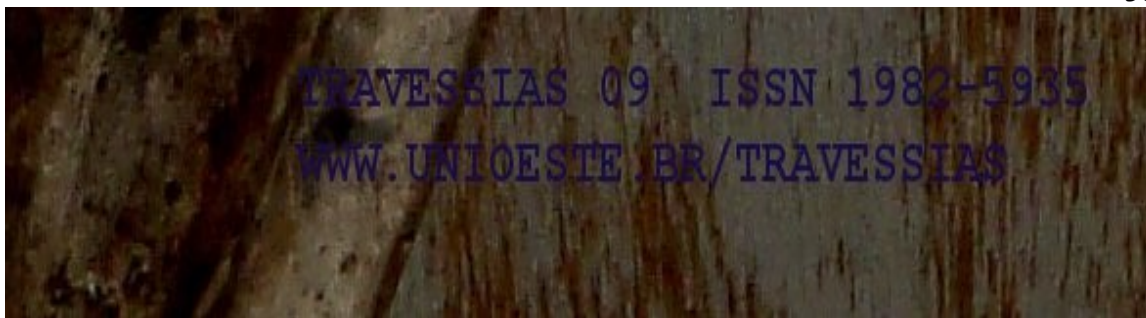


Porém, em Joan, irmã de Fred, embora não seja a personagem feminina principal da história, o leitor reconhece todas as características de uma heroína, pois, é boa, justa, fiel e “direita”. Todas estas qualidades podem ser interpretadas por suas atitudes, começando pela decisão que toma de contar a verdade de que havia matado Alfredo por não querer ver o irmão ser acusado por um crime que não cometeu. Assim, conta a Lia que Alfredo a enganou uma determinada noite, pois, foi à sua casa quando se encontrava sozinha, inventando que seu noivo estava num hospital e ofereceu uma carona para que a moça pudesse visitá-lo. No meio do caminho parou em um bar e lhe propôs tomar algo dizendo que era para que a moça ficasse mais calma, pois, estava muito nervosa com a notícia que recebera. Mesmo que ela não quisesse beber nada, devido à insistência do vilão, acabou aceitando.

Joan, então, relata a Lia que perdeu o controle de seus movimentos, mas ficou consciente e por isso, percebia o que estava acontecendo sem ter condições de impedir e, embora não seja em nenhum momento mencionada a palavra “estupro” no decorrer da história, fica evidente para quem lê que a irmã de Fred foi abusada por Alfredo e por sua insistência em querer cometer este ato mais de uma vez, a moça acabou assassinando-o.

Por causa desse episódio, Joan terminou o noivado com Ângelo, que até o momento em que escuta o relato de sua noiva a Lia, não conhece o verdadeiro motivo que a leva tomar essa decisão. Por ter sido estuprada, Joan, ao receber o pedido de casamento, inventa não mais amar seu noivo com a intenção de que ele desistisse do relacionamento, pois, não se sentia mais digna de casar-se com o homem que amava por haver perdido sua “honra”. Neste momento, somente se tem o conhecimento de que a personagem escondia o verdadeiro motivo que a levava renunciar seu grande amor. Assim, o receptor entende que a moça se sacrifica porque não se sente digna de casar-se com seu amado por ter sido violada, além de não querer prejudicar o homem que ama, fazendo-o casar com uma mulher que não era mais pura. Ao mesmo tempo, cabe ao leitor entender, que Joan não tem coragem de contar a real versão dos fatos.

Esta posição tomada pela personagem representa a importância que tinha a virgindade, não somente para as mulheres, como também para os homens, os quais desejavam casar-se com mulheres “puras”. No enredo citado aqui, supõe-se que Ângelo “respeitava” Joan, pois, fica claro por meio dos relatos e atitudes da moça, que sua “honra” foi perdida por causa do abuso que sofreu. Devido a isso, não mais se sentia digna de casar com o homem que a respeitou e rompeu



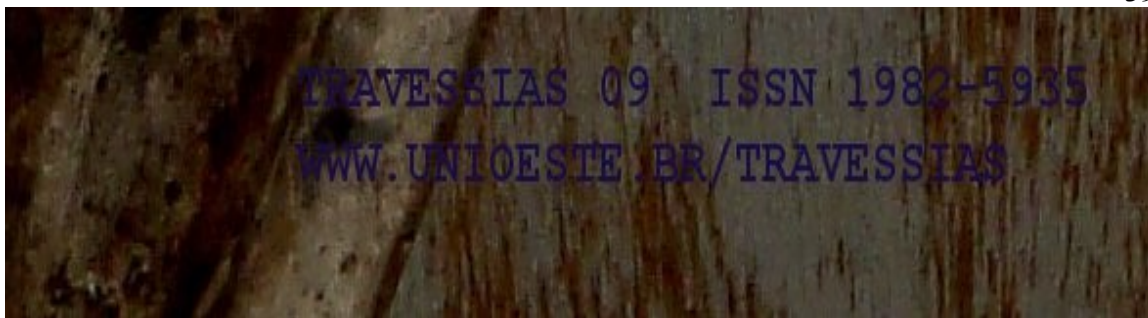
a relação sem contar a verdade por sentir vergonha. Porém, seguindo a fórmula de sucesso, tendo como elemento o amor que supera tudo, usado desde os primeiros folhetins românticos publicados no Brasil, mesmo sabendo de toda a verdade, Ângelo prometeu se casar com Joan, assim que ela cumprisse a pena de dois anos a que foi condenada por haver confessado o crime. Desta forma, mesmo a personagem acreditando não mais ser digna de se casar, o leitor subentende que seu noivo acredita que o acontecido com sua noiva não passou de uma fatalidade, cuja mulher que amava foi vítima.

Embora tenha se tornado corriqueiro nas fotonovelas as cenas de beijos entre casais, em geral, o público espera que o herói mantém total “respeito” pela moça e esta caso ocorra um acidente ou um abuso sexual, é punida de alguma maneira. Na fotonovela citada acima, “Cruel Engano”, publicada na Revista *Capricho* de 1962, toma-se conhecimento do respeito que os heróis mantinham em relação às suas parceiras, ficando isso, mais explícito no caso de Joan e Ângelo, pois mesmo a personagem feminina tenha sido abusada sexualmente, fica evidente que o moço somente iria manter relações com sua futura esposa depois do casamento.

Devido à perda da virgindade de Joan, neste enredo, vê-se que a punição partiu da própria personagem abusada. Esta, mesmo sofrendo por amar seu noivo, tenta impedir que seu casamento aconteça pelo fato de ter perdido a virgindade. Joan se afasta de Ângelo ainda amando-o e sofre a dor da separação, de modo que, o relacionamento só é restaurado devido à compreensão do rapaz que, por manter um grande amor pela noiva, promete se casar com ela, mesmo sabendo de toda a verdade.

Vilãs desprezadas, heroínas amadas e instintos maternos

De acordo com Carla Bassanezi, (2002, p. 619) no período dos Anos Dourados, as moças tinham um grande medo de ficar solteiras, por isso, quando chegavam aos vinte anos e ainda não haviam encontrado nenhum pretendente começavam a ficar preocupadas. Nas histórias das fotonovelas quase nenhuma mocinha fica sem o seu par amoroso. Quando isso acontece é por escolha própria, por renúncia a um grande amor devido a um motivo grave, entre outras variantes, porém, não é comum se deparar com heroínas que não tenham um herói que por elas



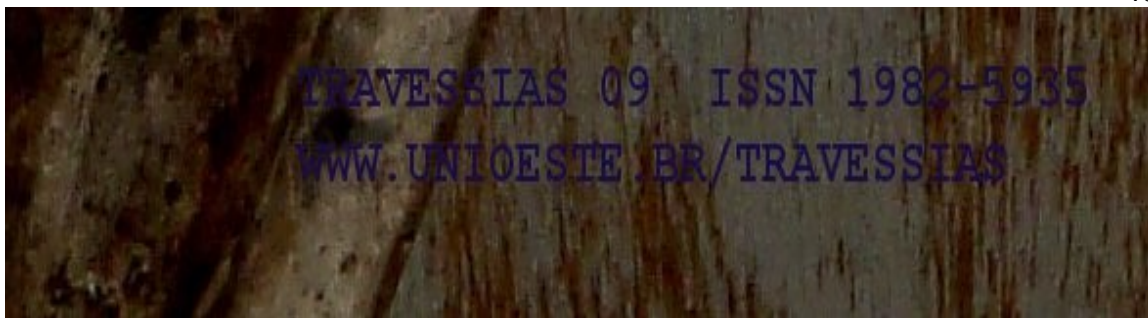
seja apaixonado. Praticamente, como já foi explicitado, os enredos ocorrem em torno de um grande amor, que na maioria das vezes, envolve os protagonistas que lutam a trama inteira para ficar juntos e acabam firmando de alguma forma o relacionamento no final. Solteiras, nas fotonovelas, geralmente, ficam aquelas que fogem deste padrão, ou seja, as mulheres que “correm atrás” de seus pretendentes, não preservam a virgindade, relacionam-se com homens casados e assim por diante. De acordo com Carla Bassanezi, (2002, p. 619) no período dos Anos Dourados, as moças tinham um grande medo de ficar solteiras, por isso, quando chegavam aos vinte anos e ainda não tinham encontrado nenhum pretendente começavam a ficar preocupadas.

Neste período, chamado Anos Dourados, muitas mulheres trabalhavam, mas, geralmente, passavam a dar dedicação exclusiva para o lar quando se casavam ou se deparavam com o nascimento de um filho. Este caso ocorre com a heroína da fotonovela intitulada “Quando o destino se chama amor”, da Revista *Grande Hotel*, de 1964. Sheila Fraga, a heroína, trabalha numa empresa por um período de três anos e resolve deixar o emprego pensando não mais voltar a trabalhar por estar prestes a se casar e, assim que pede demissão da firma onde trabalhava, sai à rua envolta aos pensamentos que somente ela e o leitor podem conhecer: “[...] não pretendo mesmo voltar a trabalhar... muito menos nesta cidade. Jorge está a minha espera e nós nos casaremos ainda este ano”. (1964, p. 19).

A partir disso, verifica-se que algumas heroínas de fotonovelas trabalham somente até o momento do casamento, ademais, o receptor pode observar que, na maioria delas, (muitas histórias não chegam a tratar de temas de casamento ou maternidade) as heroínas são dotadas de um grande instinto maternal e/ou familiar, pois muitas vezes, acontece de mesmo as moças solteiras se dedicarem a entes queridos, sendo estes, um pai, um irmão ou até mesmo um filho órfão de uma amiga.

Este último caso acontece na mesma fotonovela citada: “Quando o destino se chama amor”, da Revista *Grande Hotel*, de 1964. A personagem que deixa o emprego, sendo um dos motivos o casamento, depara-se com um fato inesperado que muda seus planos e futuro.

Sheila morava numa pensão de uma jovem viúva que tinha um filho; as duas se tornaram amigas; Sheila já estava com tudo pronto para deixar a cidade (não é colocado especificamente onde se passa o enredo) quando Marina, a amiga e a dona da pensão onde mora, pede para que a moça cuide de seu menino, Hélio. A dona da pensão solicita esse favor, prometendo que logo



chegaria a pessoa encarregada de ficar com a criança enquanto Marina trabalhava. Assim que Sheila acaba de arrumar suas coisas para partir, recebe a notícia de que sua amiga, mãe do menino, foi atropelada. Esta, no leito de morte, pede a Sheila desesperadamente que jure nunca abandonar seu filho, pois este ficaria sozinho e sem mãe.

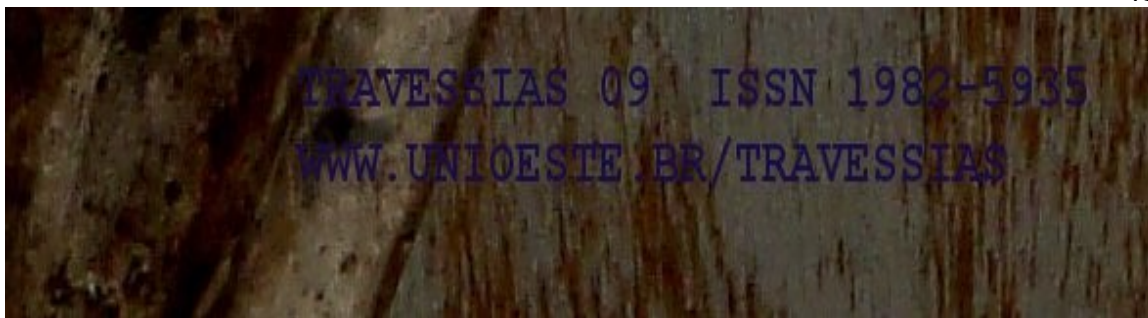
Devido a esse pedido, a heroína volta para sua cidade Natal (que não é especificada no enredo) com o menino; seu noivo não se agrada com a presença do pequeno, pois acredita que Hélio passa a ser um empecilho entre os dois, já que sua noiva dedica-se incondicionalmente ao papel de “mãe”. Sheila deixa claro que se preocupa com o garoto em primeiro lugar, e por isso, seus encontros com Jorge passam a ser mais curtos, fazendo-o pensar que estava dividindo sua futura esposa com o garoto.

Sheila, então, em vários momentos no enredo demonstra assumir totalmente a responsabilidade de mãe, pois, preocupa-se em alimentar Hélio no horário e para isso, despede-se do noivo, mesmo que este não se agrada com essa atitude: “Desculpe, Jorge, mas preciso dar o lanche a Hélio.” (1964, p. 22)

Por causa destas situações, tanto o noivo quanto a sogra de Sheila começam a pressioná-la a deixar o menino na confiança de outra pessoa; quando, mesmo com tristeza no coração, ela começa a se deixar levar pelos conselhos da mãe de Jorge, chega a casa, encontra o garoto com febre e perde novamente a coragem de abandoná-lo. Tratando-o cuidadosamente, zelando por sua saúde.

Pelo fato de perceber a relutância de Jorge em aceitar o menino depois que os dois contraíssem matrimônio, Sheila não se conforma com seu egoísmo e prefere renunciar ao noivado a deixar o menino que, a seu ver, precisa de cuidados, e também não quer deixar de cumprir o que prometeu à amiga. O leitor pode inferir que Jorge não tem os mesmos princípios da moça que se preocupa com o garoto como se fosse seu filho e, por isso, rompe o relacionamento, encontrando mais tarde outro rapaz que, por admirar e entender Sheila, antes mesmo que haja a união do casal, sabe-se que os dois se apaixonarão e serão felizes juntamente com a criança, o que é comprovado no final da trama.

Assim, as atitudes de Sheila revelam um afeto maternal que ela sente pela criança, a quem decide se dedicar, indo além do juramento feito no leito de morte para sua mãe. Durante todo o enredo, além dos cuidados com a alimentação e saúde do menino, Sheila preocupa-se com o bem



estar de Hélio, que é seqüestrado por uma quadrilha de espões. Estes se aproveitam de seu instinto maternal e ameaçam matar a criança pela qual é responsável, caso ela não encontrasse um documento que os interessava, pois, este estava guardado na casa em que a moça estava trabalhando como governanta após o término de seu noivado. Neste caso, a trama se passa toda em volta da luta que Sheila enfrenta para ficar e proteger o garoto fazendo seu papel de mãe.

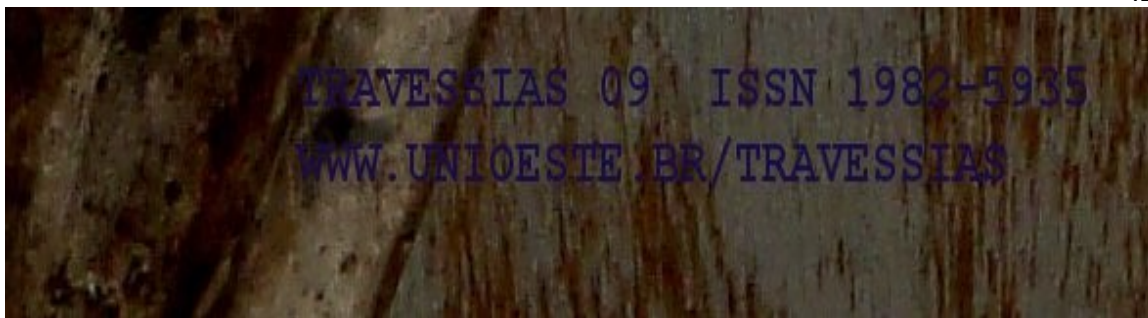
Beleza, elegância e docilidade nas heroínas das fotonovelas

A partir dos fotogramas que compõem os enredos das fotonovelas, o leitor conhece a aparência física das personagens, assim como tem a possibilidade de observar como estas se vestem. Desta forma, o receptor interpreta, por exemplo, a que classe social pertence uma determinada personagem, ou até mesmo observa se a história se passa num dia de clima frio ou quente, tudo isso, fazendo a leitura das figuras.

Em geral, as heroínas vestem-se de maneira elegante, querendo mostrar que elas fazem parte de uma classe social abastada. Ademais, a elegância é mais um elemento importante para a conquista no período dos Anos Dourados, pois, Carla Bassanezi afirma que as mulheres, neste período, deveriam demonstrar-se bem humoradas, amáveis, e vestir-se bem (2002, p. 614) Assim, é muito difícil encontrar alguma heroína nas histórias de fotonovelas que não tenha essas qualidades e que acima de tudo seja mal arrumada. Deste modo, as personagens principais, geralmente, são bem vestidas. Muitas delas utilizam roupas elegantes (que são visíveis nas fotografias) como: casacos de pele, conjuntos de casaquinho com saia, casacos compridos de frio, vestidos, blazers, sapatos de salto alto, sapatos fechados de salto baixo, cabelos penteados, sendo alguns presos outros escovados soltos; usam maquiagem que deixam os olhos em destaque e suas sobrancelhas são bem feitas; fazem uso de acessórios como brincos, colares, faixas de cabelo, tiaras, lenços e cachecóis.

Revista *Grande Hotel*, n. 898, 1964, p. 46.(foto 1)

Revista *Gande Hotel*, número 896, 1964, p. 48. (foto 2)



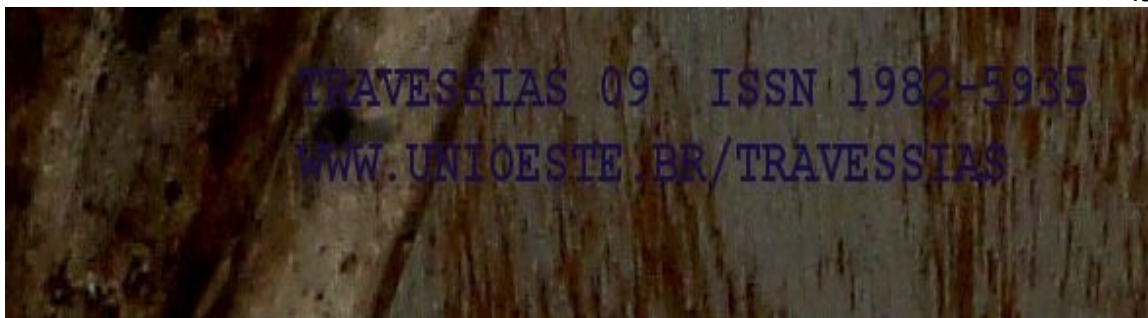
Revista *Capricho*, n.128, 1962, p. 54. (foto 3).

Pode acontecer também de a personagem perder o ânimo para cuidar da aparência caso esteja passando por momentos difíceis, dificuldades financeiras, por causa de trapaças feitas pelos vilões (ou outras variantes criadas pelo autor), de modo que tudo fique resolvido no final e a protagonista volte à sua elegância. Quando ocorrem fatos como estes, o leitor é levado a interpretar as pistas deixadas no enredo por meio dos pensamentos, atitudes e falas dos personagens e entende o que pode estar levando à personagem a comportar-se de determinada maneira.

A docilidade, qualidade essencial para uma mulher dos Anos Dourados, é também muito visível nas mulheres de fotonovelas. Estas têm geralmente o temperamento dócil, são amáveis e só fogem deste padrão quando têm algo em seus passados ou presentes que justifiquem suas revoltas ou traumas. Desta forma, as causas destes sintomas são esclarecidas em algum momento da trama e, geralmente, mesmo sem o herói saber o verdadeiro fator que leva a heroína a ser amarga, angustiada ou triste, entre outras qualidades negativas, ele se apaixona por ela, como se pressentisse que sua personalidade real não fosse aquela e algo muito grave a estivesse levando a agir de determinada maneira.

É o que acontece na trama que já foi citada, enfocando um tema diferente, intitulada “Recomecei a viver”, da Revista *Capricho* de 1974. A heroína conhece um homem que se apaixona por ela, mesmo sendo uma prostituta. Carla sempre responde a seus galanteios de maneira áspera e somente o leitor consegue ver que ela está o tempo todo triste e amargurada. Daniel, sem saber por que, apaixona-se por ela, mesmo não gostando de suas atitudes que são contrárias às da mulher com quem viveu no passado. O comportamento dócil de sua amada falecida se dá a conhecer por meio das lembranças que o personagem tem do passado, já que a história com seu grande amor foi interrompida devido à morte da moça.

Carla é muito diferente do que Daniel admira em uma mulher. Diferente da moça que ele amou no passado, Carla não sorri, não é dócil e não deseja ter filhos, afirmando até mesmo odiar crianças. As características que agradam a Daniel em uma mulher podem ser conhecidas por meio das lembranças que carrega de sua esposa, por quem fora apaixonado, pois sempre estão



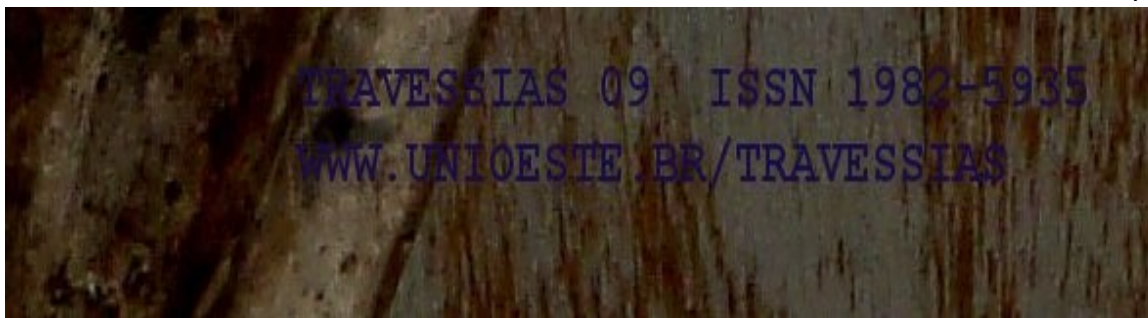
presentes em sua memória imagens de sorriso, alegria e meiguice de sua amada. (1974, p. 66-67). Mesmo assim, o homem começa a alimentar um grande amor pela nova mulher, que possui características contrárias àquela, de modo que, intui-se ter acontecido algo que deixou a personalidade da moça abalada, pois muitas vezes, ele se pergunta, em pensamentos que somente o narrador e o leitor têm conhecimento, o que tem de errado com a moça e o que a levou ficar tão amargurada.

No decorrer do enredo, o leitor vai conhecendo o passado de Carla a partir de suas lembranças; e descobre que sua amargura nasce quando sua irmãzinha mais nova morre por causa de um susto que passou na rua com alguns garotos que roubam seus materiais de escola; sua mãe perde a memória como se fugisse do problema, cometendo suicídio, logo após os médicos terem tratado-a com eletro-choque, fazendo-a retomar a lembrança da perda da filha.

Neste caso, então, a personagem principal, não tem as características esperadas de uma heroína, mas, fica subentendido que o sofrimento do passado é o elemento que justifica suas amarguras. O receptor pode observar, de acordo com suas lembranças que, no passado, ela amava sua irmãzinha, assim o leitor pressupõe seu afeto e seu cuidado maternal com ela, chegando à conclusão que a aversão por crianças e toda sua revolta se explica pelo trauma sofrido por ter perdido sua família de forma tão trágica.

No final da trama, Daniel, Carla e Diogo, o guia turístico que seduz a heroína, encontram-se passeando na África e durante a uma caçada, o protagonista ao atirar num leão, leva uma mordida deste que se vinga do atirador antes de morrer. Com este fato, o apaixonado por Carla adoece. A partir daí, o leitor confirma e o herói descobre, o verdadeiro caráter da heroína que se demonstra preocupada com a saúde de Daniel. O herói, sendo milionário, e por acreditar que ia morrer, deixa um testamento no nome da mulher que ama. Diogo quando descobre tenta sabotar o carro do rival com a intenção de se unir com Carla para desfrutar da herança.

Porém, Carla, ao presenciar Diogo mexendo no carro do milionário, não concorda com esta atitude e para tentar impedi-lo, ameaça matá-lo com uma arma de fogo. Ele luta com ela, que para se defender aperta o gatilho. Desta forma, o receptor conhece o bom caráter da heroína que não se une com o vilão para assassinar o milionário com o intuito de desfrutar de sua herança, assim como não deixa Daniel sozinho enquanto não chega um socorro. Com a afirmação do herói, confirma-se o algo praticamente óbvio dentro do enredo da fotonovela, que ele já intuía



que sua amada era dócil: “Querida...te amei na mesma hora que te vi. Reconheci a solidão e o desespero por trás de seus olhos duros e indiferentes.” (1974, p 106).

A partir das fotonovelas que foram analisadas acima, pode-se observar que as histórias são construídas baseadas em alguns padrões estabelecidos pela sociedade. Sendo assim, às mocinhas são incumbidos papéis de mulheres que amam, são amadas, lutam, sofrem e são capazes de sacrificar-se pelo outro, sendo este, muitas vezes, seu grande amor, cabendo a elas perfeitamente, o título de heroínas.

O mocinho é aquele que está sempre preparado para a conquista, quase sempre luta para conquistar o coração da moça que lhe desperta o coração com a docilidade, meiguice e pureza. Fazem jus ao título de herói não somente por também serem dotados de “boas qualidades”, mas também por ser muito comum, situarem-se numa classe social abastada e oferecerem proteção financeira à moça.

As personagens principais, portanto, são dotadas de “boas qualidades”, geralmente são simpáticas, de bom coração, amáveis, dóceis, compreensivas e belas. Esses bons dotes que caracterizam as mocinhas coincidem com os padrões que a sociedade estava lutando para manter no período da ditadura.

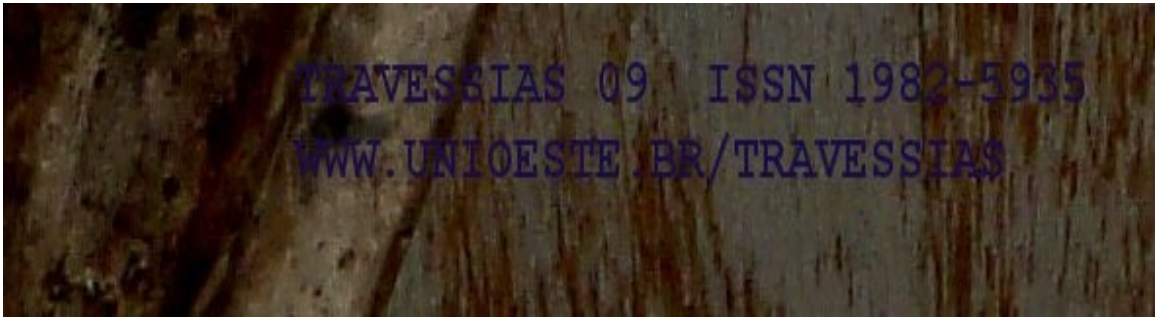
A leitora que vivia neste período participava de uma sociedade em fase de mudanças e transformações, mas que ao mesmo tempo resistia às novas ideias que um grupo relativamente pequeno tentava estabelecer. A partir destas contradições que se refletiam nos enredos das fotonovelas, as leitoras vivenciavam as ações dos personagens, fazendo suas interpretações conforme suas experiências.

Desta forma, sabe-se que a partir das atitudes dos personagens, o leitor tem a possibilidade de fazer suas próprias interpretações, dando um sentido próprio e individual às suas leituras. Sendo assim, mesmo que os intelectuais consagrados da literatura acreditem que, devido à simplicidade com que são confeccionadas essas produções, os leitores recebam as mensagens prontas, os leitores têm uma função fundamental na construção dos enredos.

Referências Bibliográficas

REVISTA CAPRICHOS. São Paulo : Editora Abril, ano XI, nº 128, outubro, 1962.

Daniela Maria Nazaré da Silva Candido



REVISTA CAPRICHOS. São Paulo: Editora Abril, ano XV, n° 171, maio, 1966.

REVISTA CAPRICHOS. São Paulo: Editora Abril, n° 345, janeiro, 1974.

REVISTA CAPRICHOS. São Paulo: Editora Abril, n°535, maio, 1981.

REVISTA GRANDE HOTEL. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, ano XVIII, n° 896, outubro, 1964.

REVISTA GRANDE HOTEL. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, ano XVIII, n° 898, outubro, 1964.

REVISTA GRANDE HOTEL. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, ano X , n°446, fevereiro, 1956

REVISTA SEDUÇÃO. Rio de Janeiro: Editora de Revistas Sociais Ersol S/A, ano III, n°31, 1961.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

CERTEAU. Michel de. *A invenção do Cotidiano* Artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves 2ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COLLING. Ana Maria. *A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1997.